

CONTRIBUIÇÕES DA BÍBLIA NA DIFUSÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

Israel Elias TRINDADE

Universidade Federal de Goiás
israeltrindade@gmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho foi investigar possíveis presenças de textos bíblicos nos primeiros contatos com leitura e escrita, considerando estudos preliminares de que essas primeiras experiências são significativas no processo de formação de leitor e de escritor. Produzida num intervalo de 1500 anos, envolvendo 40 autores diferentes e, por atualmente ter ampla divulgação em diversas línguas, em três continentes, em inúmeras edições, consideramos que a Bíblia destaca-se no rol das leituras. Foi o primeiro livro impresso por Gutenberg e, historicamente, nenhuma outra coleção literária é tão lida, venerada e analisada. Nossa proposta foi investigar se este hipergênero estava presente nos primeiros contatos da criança com o universo da leitura e da escrita. A pesquisa, de abordagem quantitativa, foi aplicada em centros de ensino de Goiânia, do ensino fundamental ao superior. O resultado mostrou que a Bíblia exerce papel significativo no processo de inserção e manutenção dos alunos no universo da leitura de textos de gêneros variados. Os resultados deste estudo de caso permitem-nos ainda, por generalizações, formular considerações que contrariam a estimativa de que alunos não leem em casa. O trabalho, em linhas gerais, amplia nosso olhar sobre leitura e escrita e seu processo de difusão na sociedade.

Palavras-chave: Bíblia; Gêneros; Leitura; Escrita.

1.Introdução

O presente trabalho é fruto de reflexões elaboradas a partir de investigações dos processos de difusão e aquisição da leitura e da escrita, com recorte nos primeiros períodos de contato do leitor com o livro. Nossa pretensão foi relacionar discussões teóricas com nossa prática docente e de formação de docentes, no desenvolvimento da disciplina de Estágio do Português, do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Goiás, em 2011 e 2012.

Levando em consideração que leitura e escrita são atividades prototípicas do contexto escolar, mas que não se restringe a ele, pretendíamos identificar em que momento esse processo efetivamente se dava. Seria a leitura iniciada na escola e depois expandida para outros espaços ou seria possível afirmar que processos de leitura se realizavam no período que antecedia o contato com a escola? Acreditamos que essa informação é relevante para que se construam políticas de alfabetização e de incentivos à leitura.

Para responder nossas perguntas de pesquisa, buscamos identificar um livro que fosse historicamente mais lido e amplamente divulgado e que perpassasse pelos dois ambientes de leitura: a escola e o lar. Selecionamos a Bíblia como objeto de investigação, uma vez que mesmo tendo uma proposta de ensino laico, em nossas visitas prévias às bibliotecas escolares de educação básica da cidade de Goiânia, encontramos exemplares da Bíblia disponíveis para consulta e supomos ser um livro presente em boa parte das casas dos estudantes. Portanto, a Bíblia foi o objeto de estudo mais adequado para os fins desta pesquisa.

Realizamos uma consulta bibliográfica prévia pela internet e encontramos diversos trabalhos que relacionam Bíblia e leitura. Entretanto, nesses estudos o enfoque dado é a da leitura bíblica enquanto elemento da difusão do cristianismo, um enfoque, portanto, religioso e teológico. Não identificamos estudos que buscassem relacionar a Bíblia como elemento de

contribuição para o processo de difusão, de ensino e de aprendizagem da leitura e da escrita. Talvez a pesquisa não tenha sido tão exaustiva, mas, de qualquer forma, isso não diminui as contribuições deste estudo de caso à compreensão dos processos de difusão de leitura e de escrita.

Embora não haja consenso na gênese do cristianismo¹, a tradição cristã mais aceita e divulgada é a de que a escrita da Bíblia surgiu com as tábuas da salvação, onde Moisés apresentou ao povo os 10 mandamentos da lei de Deus.

Entretanto, fatos como esses ainda estão sendo estudados e questionados. As histórias narradas em diversos livros da Bíblia não gozam de prestígio irrefutável de credibilidade. Cientistas questionam a legitimidade de algumas narrativas apresentadas na Bíblia, portanto, cientificamente falando, não se pode afirmar seguramente que as histórias narradas são fatos reais acontecidos ou meras ficções.

Arqueólogos têm ido às localidades mencionadas na Bíblia e tem feito interessantes descobertas. Diversas escavações têm revelado um cenário muito semelhante aos que são descritos em alguns livros bíblicos. Esses estudos arqueológicos têm suscitado grandes reflexões, ampliando ainda mais o mistério que se encontra nesses textos.

Essa discussão é muito polêmica e interessante. Entretanto, não é pretensão deste artigo entrar no mérito dessa questão. Talvez o título possa enganar o leitor. Ao nos propormos abordar as contribuições da Bíblia no processo de difusão da leitura e da escrita, estamos nos comprometendo a estudar a Bíblia pela perspectiva linguística e literária, sem a menor pretensão de entrar na questão teológica.

Como se pode ver, a motivação pela escolha da temática não foi influenciada por paixões religiosas, mas sim por questões científicas. A Bíblia, atualmente, goza de uma ampla divulgação em diversas línguas, em três continentes, em inúmeras edições e em algumas versões. Sendo assim, é justo considerarmos-na numa posição de destaque no rol das leituras. Historicamente, foi o primeiro livro impresso por Gutemberg, em 1455, e, segundo Bouson (2007) *nenhuma outra coleção literária é tão venerada e analisada quanto a Bíblia*. Do códex à tela, é uma das obras mais difundidas no mundo.

Nossas perguntas iniciais foram, portanto: Qual é influência da Bíblia no processo de difusão da leitura e da escrita? É possível afirmar que alunos têm contato com este livro frequentemente? Se sim, esse contato precede o ingresso na sala de aula? Que livros são lidos, por quem são lidos e como são lidos?

Para discutir essas questões, estruturamos o artigo em quatro partes. Na primeira apresentaremos características estruturais e justificaremos os motivos que nos levaram a investigar as influências desse livro no processo de difusão da leitura e da escrita. Na segunda parte, apresentaremos os métodos utilizados na pesquisa e o porquê do emprego da metodologia. A análise dos dados será apresentada na terceira parte do artigo, seguida de nossas considerações finais e das referências bibliográficas utilizadas.

2.A Bíblia

Produzida num intervalo de 1500 anos, envolvendo 40 autores diferentes, a Bíblia, na verdade, é uma compilação de diversas obras, produzidas por diversos autores em diferentes gêneros (cf. Bouson, 2007). Etimologicamente, o termo Bíblia significa ‘o conjunto de livros

¹ Weitz no documentário “O tesouro sagrado do Faraó: uma surpreendente revelação dos Manuscritos do Mar Morto” apresenta uma teoria, formulada a partir de uma análise filológica num pergaminho encontrado na região do Mar Morto, que sustenta uma ligação entre o surgimento do Cristianismo e os princípios religiosos estabelecidos pelo Faraó Akhenaton, um faraó monoteísta. Segundo essa teoria, o cristianismo teria surgido no Egito nesta época e se difundido a Israel justamente por Moisés, no período do êxodo.

sagrados do Antigo e do Novo Testamento' *byblia* XIV, - *bria* XIV, -*bruia* XIV. Do latim eclesiástico *biblia*, derivado do grego *bibliá* 'os livros (santos) (Cunha, 1997, p. 108).

Segundo Finkelstein e Silberman (2005) a primeira versão da Bíblia foi escrita na língua hebraica e fora *contada na versão do reino do Sul de Israel (Judá)*. Há também outras duas versões datadas um pouco após a versão hebraica, a versão em Aramaico e em Grego. Essas duas também foram matrizes para outras traduções.

A diferença básica entre a versão hebraica e a grega é que a versão hebraica goza do prestígio de cânon. Contem apenas os livros fixados pelos judeus da Palestina por volta da era cristã. Esses se agrupam em cinco blocos: I- Lei, II- Profetas e III-Escritos, perfazendo um total de 24 livros. Já a versão grega, além de conter os cânones da hebraica, inclui também os livros destinados aos Judeus em dispersão. Essa versão é conhecida como a Bíblia dos setenta (LXX).²

A história mostra que, em sua origem, a Bíblia teve motivações atreladas a questões políticas e não apenas a religiosas. Finkelstein e Silberman (2005) por meio de estudos filológicos e arqueológicos dos textos bíblicos afirmam que o que estava em jogo quando os textos bíblicos foram escritos *era a invenção de uma linhagem e o estabelecimento de uma Lei*, além, é claro, da afirmação de uma promessa messiânica.

A questão política, por sinal, é algo presente não apenas na origem bíblica. Cox e Bragard (2005) apontam aspectos políticos também em boa parte dos livros do Novo Testamento, uma vez que os motivos que levaram os discípulos a se unir a Cristo foi a imagem de um grande líder político e não apenas um religioso.

Posteriormente, os textos bíblicos foram matrizes para a elaboração dos códigos canônicos que, por sua vez, foram bases para o código civil, o conjunto de leis da sociedade, num princípio de que a lei humana se fundamenta na lei Divina. Portanto, a influência da Bíblia é bem maior que se possa supor.

O percurso histórico da versão bíblica em português inicia-se com a publicação da *Vetus Latina*, conjunto de traduções do Grego para o Latim das quais se destacam a *Ítala*, literalmente fiel ao texto grego, e a *Afra*, literalmente melhor (cf. Basseto, 2005, p. 126). Passando pela *Vulgata*, como é conhecida a tradução de S. Jerônimo, pelos textos bíblicos em Latim vulgar até a versão em português, atual, conforme ilustra o gráfico seguinte:

Síntese do percurso das versões da Bíblia: do hebraico ao português:

Hebraico → Grego → Latim cristão → Latim vulgar → português

Atualmente há diferentes versões bíblicas no mercado e a diferença entre essas versões está, principalmente, na quantidade de livros. Entretanto, essa disparidade também não vem ao caso neste estudo. Analisando o conteúdo da Bíblia percebe-se que, em todas as versões, são apresentadas aos leitores uma grande diversidade de gêneros textuais (cartas, narrativas, poesias, crônicas, dentre outros).

Ler a Bíblia, neste sentido, é estar em contato com diferentes livros, com diferentes textos, diferentes tipologias e gêneros, produzidos em tal formato para atender a uma demanda funcional da cultura da época (cf. Marcuschi, 2005, p.20). Do velho ao novo testamento, nossa leitura percorre epístolas, parábolas, crônicas e poesias. São leituras que apresentam ensinamentos, que proporcionam momentos de reflexão e que nos imerge em belas composições poéticas.

Nesta concepção da Bíblia, não seria incoerente compreendê-la como um hipergênero, ou seja, um elemento que está acima dos gêneros por conseguir abarcar uma gama diversificada e

² Bíblia de Jerusalém, editora Paulus, 2003

o hipergênero, para Maingueneau, é justamente esse que “*enquadra*” uma larga faixa de textos (Maingueneau, 2010, p. 131).

Além da riqueza de gêneros, a Bíblia apresenta-nos ainda uma linguagem muito bem elaborada, com construções sintáticas relativamente complexas, além de nos colocar em contato com a história e com a literatura. Ler a Bíblia, portanto, além de formação teológica, pode ser encarada como verdadeiras aulas de língua, história, literatura e redação.

O impacto que um livro de tamanha envergadura pode causar na comunidade de leitores, necessita ser melhor estudado e investigado, principalmente porque segundo Finkelstein e Silberman (2005) a Bíblia não deu origem somente ao cristianismo, mas também a outras três religiões monoteístas, portanto, suas influências transcendem o ocidentalismo.

Tradição religiosa é sinônimo de contato com leituras bíblicas? Textos bíblicos fazem parte das primeiras experiências do leitor? Há momentos delimitados na vida para se realizar leituras bíblicas ou esse contato é extensivo? Ler textos de gêneros diversificados pode contribuir com os alunos no processo de redação de textos? Enfim, a Bíblia contribui com o processo de difusão da leitura e da escrita?

3. Metodologia

A pesquisa foi dividida em duas fases: a primeira, de caráter documental, consistiu em analisar as características formais dos livros que compunham a Bíblia. Quantos são, como se dividem e como se agrupam foram os questionamentos que direcionaram o trabalho. A segunda parte caracteriza-se como pesquisa de campo. Elaboramos um questionário que fora aplicado durante os três primeiros meses de 2012 com o objetivo de investigar possíveis influências da Bíblia na inserção e na permanência dos alunos no universo da leitura e da escrita. O questionário fora aplicado em quatro centros de ensino da cidade de Goiânia-GO, sendo uma escola pública estadual, uma pública municipal, uma pública federal e uma particular, abordando desde a primeira fase do ensino fundamental até o ensino superior. No total foram entrevistados 86 alunos.

Na coleta de dados foram selecionadas turmas que estivessem concluindo alguma fase de ensino, a saber, ensino fundamental 1º fase; ensino fundamental 2º fase; ensino médio e ensino superior. O questionário foi aplicado a toda turma pesquisada. Não foram consideradas variáveis de sexo, faixa etária, poder aquisitivo e localidade de moradia no cômputo dos dados. Todos os alunos que estavam em sala participaram voluntariamente da pesquisa e tiveram seus questionários considerados.

No ato da aplicação, foi reforçado o caráter voluntário da participação. Os alunos foram informados que poderiam se recusar a participar da pesquisa, que não precisavam se identificar e que não precisavam responder a todas as questões, se assim o quisessem.

Considerando as orientações da aplicação, verificamos que algumas questões foram respondidas por todos, mas outras, por um contingente parcial da sala. Nestes casos, foi considerada, para a base de cálculo, a regra de três da matemática, considerando apenas o número de entrevistados que tinham respondido tais questões. Por questões didáticas, optamos por arredondar os números para cima quando a casa depois da vírgula ultrapassava 0,5 e para baixo, quando não atingia esse número. Portanto, como se pode observar a pesquisa é de uma abordagem predominantemente quantitativa. O que nos interessou, nessa etapa da pesquisa, foram os números, em dados gerais.

Os aspectos metodológicos de nossa pesquisa revelam que se trata de um estudo de caso, uma vez que trabalhamos com uma amostragem significativa no âmbito da escola, mas relativamente pequena no cenário regional. Entretanto, os resultados são suficientes para elaborarmos generalizações que nos permitem formular considerações fundamentadas acerca das contribuições da Bíblia no processo de difusão da leitura e da escrita.

4. Análise dos dados

Atualmente, encontram-se disponíveis aos leitores diversas versões da Bíblia, materializadas em diferentes formas, do códex à tela. Elas variam principalmente em termos de linguagem, sendo adaptadas a determinadas faixas etárias. Assim, por exemplo, é possível encontrar no mercado versões bíblicas para crianças, com linguagem simples, períodos curtos e com ilustrações, diferentemente da Bíblia “original”, com linguagem mais densa, culta e sem ilustrações, salvo mapas, tabelas e outros anexos.

A tentativa de adaptação da leitura bíblica não é algo recente. É um fato histórico, ocorrido em diversos outros momentos da história, como um elemento essencial à difusão da leitura bíblica. Beckhäuser (2004, p. 143) afirma que *a Bíblia não deve ser um livro que se estuda apenas nas cátedras, mas que se lê na comunidade*. Todavia, a aceitabilidade dessa flexibilidade é algo recente. A história da Bíblia é marcada por conflitos, de um lado, por leituras autorizadas, sendo condenados por heresias aqueles que fugissem do tradicional e, por outro lado, por posições heréticas, que *sustentavam que as pessoas tinham o direito de ler a palavra de Deus por si mesmas, sem testemunha ou intermediário* (Manguel, 1997, p. 70).

Historicamente o interesse por leituras particulares e pelo processo de adaptação da leitura bíblica traz em si o cerne do surgimento das igrejas protestantes. Manguel (1997, p. 69) ao discutir a formação de leitores silenciosos, afirma que já no ano 382 a igreja Católica já tinha estabelecido pena de morte por heresia, mas o primeiro caso de condenação à fogueira efetivamente ocorrera no ano de 1022, em Orléans. Dentre essas heresias, estavam as leituras e traduções não autorizadas da Bíblia, uma resistência que foi perdendo força graças à expansão de uso das línguas vernáculas, que gradativamente ganhava terreno, já no começo do século XVI (Manguel, 1997, p. 87).

Uma das causas dessa ruptura propiciou uma diferença entre a Bíblia utilizada pela igreja católica e a Bíblia utilizada pelas igrejas evangélicas que, neste momento, vale a pena ressaltar: trata-se da quantidade de livros. Sete livros diferem uma versão da outra. A Bíblia evangélica tem sete a menos que a católica.

Estes livros são: Tobias, Judite, I Macabeus, II Macabeus, Baruque, Sabedoria e Eclesiástico. Estes livros foram considerados pelos judeus da palestina como não sendo inspirados pelo Espírito Santo e por isto os evangélicos os rejeitam como parte da Bíblia. Colabora ainda o fato destes livros não terem sido citados por nenhum autor do Novo Testamento.³

A diferença é em decorrência de a versão evangélica rejeitar os livros que foram acrescentados na passagem da versão hebraica para a grega, conforme vimos no início deste artigo. Essa diferença, todavia, não foi um empecilho para tratar da Bíblia, neste trabalho, como um termo geral, sem entrar em detalhes sobre que Bíblia os alunos tinham acesso, pois

as diferentes versões da Bíblia, normalmente não alteram o sentido original, por isto, tanto a tradução católica como a evangélica tem o mesmo princípio. Evidentemente que alguns termos podem ter sido adaptados a uma comunidade em detrimento de outra.⁴

³ www.evangelizacao.blog.br

⁴ www.evangelizacao.blog.br

Ambas versões bíblicas são divididas em duas partes: o Novo e o Velho Testamento. Em cada uma dessas partes, há o predomínio de textos de cunho narrativo e históricos, mas também há outros gêneros, a saber, epístolas, crônicas e poesias. O agrupamento (parcial) dos textos bíblicos pode ser assim esquematizado, conforme pode ser observado na tabela 1, onde os livros foram agrupados considerando os gêneros textuais predominantes:

Tabela 1: agrupamento parcial dos livros bíblicos, segundo o gênero textual predominante

Antigo Testamento					Novo Testamento		
Livros Pentateucos	Crônicas	Livros Históricos	Livros Poéticos	Livros Proféticos	Livros Narrativos	Epístolas	Descritivos
Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio	I e II Crônicas	Josué, Josias, Rute, I e II Samuel, I e II Reis, Esdras, Neemias, Tobias, Judite, Ester, I e II Macabeus.	Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiásticos, Cântico dos cânticos, Sabedoria de Salomão.	Isaias, Jeremias, Lamentações, Baruc, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias.	Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João), Atos dos Apóstolos,	Epístolas de São Paulo	Apocalipse

Como se pode constatar, o contato com este hipergênero proporciona ao leitor acesso, em um mesmo códex ou em um mesmo arquivo, a uma gama variada de gêneros textuais. Um livro, portanto, importante e que se torna digno de créditos num estudo sobre as primeiras experiências do leitor. A Bíblia teria alguma influência nessas primeiras experiências? Se sim, que influências seriam essas e até quando elas perduram?

Para responder a tais perguntas, elaboramos um questionário, constituído de 12 questões, abordando diversos aspectos pertinentes à leitura bíblica e aplicamos a alunos da rede básica e superior de ensino, conforme descrito na seção de metodologia.

Na compilação dos dados, é observável que o número total de alunos que responderam à questão em análise não coincide, necessariamente, com os da questão anterior ou subsequente, por motivos já esclarecidos.

Não fomos a campo coletar dados com a certeza de que todos os alunos conheciam a Bíblia. Como a pesquisa envolvia crianças ainda em processo de alfabetização e/ou outras pessoas que poderiam não ser cristãs e, por isso não conhecer a Bíblia, nossa primeira pergunta foi se esse livro era mesmo de conhecimento dos alunos.

Tabela 2:

Modalidade de ensino	Você sabe o que é a Bíblia?	
	Sim	Não
Ensino Fundamental 1º fase	21	00
Ensino Fundamental 2º fase	26	00
Ensino Médio	19	00
Ensino Superior	14	00
TOTAL	80 (100%)	00

Todos os alunos que responderam a essa pergunta do questionário afirmaram que sabem o que é a Bíblia, confirmando assim o pressuposto status de popularidade deste livro.

A questão que precisávamos investigar então era em que momento foi estabelecido o primeiro contato com a leitura Bíblica.

Tabela 3: Quando você ouviu falar da Bíblia pela primeira vez?

Modalidade de ensino	Antes de 5 anos	Entre 6 e 10 anos	Entre 11 e 15 anos	Entre 16 e 20 anos	Acima de 20 anos
Ensino Fundamental 1º fase	06	17	00	00	00
Ensino Fundamental 2º fase	11	14	00	00	00
Ensino Médio	09	04	03	05	01
Ensino Superior	06	08	00	00	00
TOTAL	32 (38%)	43 (51%)	03 (3%)	05 (6%)	01 (2%)

Para a grande maioria, 89% dos entrevistados, o primeiro contato com a leitura bíblica ocorreu antes dos 10 anos de idade. Logo, é possível afirmar que a Bíblia é um livro que se faz presente paulatinamente ao ingresso do aluno à escola, sendo, portanto, um dos primeiros contatos do aluno com a leitura, conforme referendam os dados da tabela seguinte:

Tabela 4: Com quantos anos você se ingressou na escola?

Modalidade de ensino	Antes de 5 anos	Entre 5 e 6 anos	Entre 6 e 7 anos	Entre 7 e 8 anos	Acima de 8 anos
Ensino Fundamental 2º fase	18	07	00	00	00
Ensino Superior	03	06	03	01	01
TOTAL	21 (53%)	13 (34%)	03 (7%)	01 (3%)	01 (3%)

Para 87% dos entrevistados que responderam a essa questão o ingresso na escola foi antes dos 6 anos de idade, dados esses próximos aos primeiros contatos com a Bíblia. Essa pergunta não foi feita aos alunos do Ensino fundamental 1º fase nem aos do Ensino médio, por isso a falta desses dados na tabela.

Mas até que ponto poderíamos mensurar este contato com a Bíblia? É possível afirmar que a Bíblia ainda faz-se presente no cotidiano dos alunos? A tabela seguinte apresenta dados impressionantes. Noventa e cinco por cento afirmaram que tem pelo menos um exemplar deste livro em casa.

Tabela 5:

Modalidade de ensino	Você tem Bíblia em casa?	
	Sim	Não
Ensino Fundamental 1º fase	22	02
Ensino Fundamental 2º fase	24	02
Ensino Médio	21	00
Ensino Superior	14	00
TOTAL	81 (95%)	04 (5%)

Entretanto, as perguntas elaboradas até então não nos permitia afirmar que a Bíblia contribuía, de alguma forma, com o processo de difusão de leitura. Esta questão só foi sanada quando questionamos se alguém já tinha lido a Bíblia para eles:

Tabela 6:

Modalidade de ensino	Alguém já leu a Bíblia pra você?	
	Sim	Não
Ensino Fundamental 1º fase	19	02
Ensino Fundamental 2º fase	16	00
Ensino Médio	21	00

Ensino Superior	13	01
TOTAL	69 (95%)	03 (5%)

A grande maioria comprova a presença da leitura bíblica em voz alta, em seus primeiros contatos com a leitura, sendo que a “mãe” é a grande responsável por este acesso (40%), conforme dados da tabela seguinte:

Tabela 7: Quem foi a primeira pessoa que leu a Bíblia pra você?

Modalidade de ensino	Mãe	Avô/avó	Pai	Líder religioso	Amigo
Ensino Fundamental 1º fase	10	05	06	00	00
Ensino Fundamental 2º fase	10	12	04	05	00
Ensino Médio	07	02	01	05	03
Ensino Superior	06	00	03	01	02
TOTAL	33 (40%)	19 (23%)	14 (17%)	11 (14%)	05 (6%)

Por ser reconhecida como um livro de ensinamentos, a Bíblia goza de prestígio no seio familiar. As pessoas que propiciam o contato dos futuros leitores com o texto são entes da família ou pessoas que tem estreitos laços afetivos. Além dos dados da tabela, também foram citados, irmãos, filho, primo, madrinha e até mesmo ‘família’.

Seria coerente, então, conceber a Bíblia como um livro familiar, um dos livros da memória de boa parte dos leitores entrevistados. *Ao recordar o texto, ao trazer à mente um livro que um dia teve nas mãos, esse leitor pode tornar-se o livro, no qual ele e os outros podem ler* (Manguel, 1997, p. 75). Essa hipótese se confirma quando perguntamos onde eles já ouviram falar da Bíblia. O lugar ‘casa’ foi o lugar mais citado, seguido de ‘igreja’ e ‘escola’.

A primeira leitura de um texto bíblico para 85% foi antes dos 10 anos de idade, sendo que para 35%, esse contato precede os 5 anos. Analisando nossos dados, é possível afirmar que a leitura Bíblica precede e/ou ocorre paulatinamente ao processo de alfabetização e aquisição da leitura:

Tabela 8: Quando foi que leram a Bíblia pra você pela primeira vez?

Modalidade de ensino	Antes de 5 anos	Entre 6 e 10 anos	Entre 11 e 15 anos	Entre 16 e 20 anos	Acima de 20 anos
Ensino Fundamental 1º fase	05	13	00	00	00
Ensino Fundamental 2º fase	12	12	02	00	00
Ensino Médio	04	07	05	02	01
Ensino Superior	06	06	01	00	00
TOTAL	27 (35%)	38 (50%)	08 (11%)	02 (3%)	01 (1%)

De posse dessas informações, direcionamos nosso foco às leituras bíblicas efetivamente realizadas pelos alunos. A primeira pergunta era se eles já haviam efetivamente lido algum trecho da Bíblia. Os dados da tabela 9 comprovam o status elevado que a Bíblia ocupa no rol das leituras:

Tabela 9:

Modalidade de ensino	Você já leu algum trecho da Bíblia?	
	Sim	Não
Ensino Fundamental 1º fase	21	01

Ensino Fundamental 2º fase	23	03
Ensino Médio	21	01
Ensino Superior	14	00
TOTAL	79 (94%)	05 (6%)

A partir dessa informação, direcionamos nossas investigações para certificar se essas leituras ocorriam durante os primeiros contatos dos alunos com a aquisição da leitura e da escrita. A grande maioria, 81%, comprovam ser abaixo dos 10 anos o primeiro contato com a leitura bíblica, conforme dados da tabela 10:

Tabela 10: Quando você leu a Bíblia pela primeira vez?

Modalidade de ensino	Antes de 5 anos	Entre 6 e 10 anos	Entre 11 e 15 anos	Entre 16 e 20 anos	Acima de 20 anos
Ensino Fundamental 1º fase	01	19	01	00	00
Ensino Fundamental 2º fase	01	18	04	00	00
Ensino Médio	01	04	06	04	01
Ensino Superior	01	11	02	00	00
TOTAL	04 (6%)	52 (75%)	13 (19%)	00 (0%)	00 (0%)

Para certificar até que ponto essa leitura prosseguia no curso da vida, questionamos se atualmente a Bíblia era um livro lido pelos alunos. Os dados revelam números relativamente altos. Para 72% a Bíblia é leitura frequente, conforme dados da tabela 11. E, segundo os entrevistados, ainda se lia a Bíblia por considerá-la uma leitura importante (92%), conforme dados da tabela 12:

Tabela 11:

Modalidade de ensino	Atualmente você lê a Bíblia?	
	Sim	Não
Ensino Fundamental 1º fase	15	05
Ensino Fundamental 2º fase	15	09
Ensino Médio	14	07
Ensino Superior	13	01
TOTAL	57 (72%)	22 (28%)

Tabela 12:

Modalidade de ensino	É importante ler a Bíblia?	
	Sim	Não
Ensino Fundamental 1º fase	18	00
Ensino Fundamental 2º fase	24	02
Ensino Médio	22	03
Ensino Superior	13	01
TOTAL	77 (92%)	06 (8%)

Questionados do porquê consideram a leitura bíblica importante, recebemos respostas diversificadas: alguns afirmaram que *ela traz conhecimentos*; para outros, *ela melhora a gente*; *nos liga a Deus*; *nos faz lembrar de Deus*; *é o caminho de Deus*; *é a própria palavra de Deus*; *ajuda-nos a servir a Deus*; *são ensinamentos de Cristo* e, por fim, uma resposta interessante: *são ensinamentos de escrita*.

Sendo a Bíblia um hipergênero, preocupamos em investigar que gêneros eram lidos. Os dados comprovam que os tipos narrativos são os mais lidos, conforme dados da tabela 13:

Tabela 13: Caso você já tenha lido a Bíblia, que livro(s) leu?

Modalidade de ensino	Evangelhos	Salmos	Gêneses	Apocalipse	Provérbios
Ensino Fundamental 1° fase	09	08	01	04	00
Ensino Fundamental 2° fase	08	01	05	04	00
Ensino Médio	10	07	02	01	01
Ensino Superior	09	06	05	03	02
TOTAL	36 (42%)	22 (26%)	13 (15%)	12 (13%)	03 (4%)

Outros livros citados foram Isaias (3), Daniel (2), Filipenses (2), Rute (2), Samuel (2), Ester (2), Josué, Reis, Êxodo, Ezequiel, Coríntios, Cantares, Romanos, e Jonas, Pedro, Juízes e o Salmo 23, todos citados pelo menos uma vez.

Embora a Bíblia faça parte das leituras caseiras, os dados revelam que, na maioria das casas dos entrevistados, ela divide espaço com outros livros, conforme pode ser verificado nos dados da tabela 14:

Tabela 14:

Modalidade de ensino	Além da Bíblia, você tem outros livros em casa?	
	Sim	Não
Ensino Fundamental 2° fase	22	04
Ensino Superior	14	00
TOTAL	36 (90%)	04 (10%)

Diante dessa informação, realizamos uma comparação entre a Bíblia e os demais livros, para investigar se os entrevistados viam alguma diferença nessas leituras. Eles confirmam que a leitura bíblica é de um tipo diferente, conforme revelam dados da tabela 15:

Tabela 15:

Modalidade de ensino	A leitura bíblica é igual às outras leituras?	
	Sim	Não
Ensino Fundamental 2° fase	04	22
Ensino Superior	03	11
TOTAL	07 (18%)	33 (82%)

Questionados acerca do porquê considerarem a leitura bíblica diferente das demais leituras, os alunos afirmaram que se trata de uma leitura *mais difícil* e para outros, deve-se ao fato de ser uma *leitura sagrada*.

Por fim, dedicamo-nos a investigar a relação da Bíblia com a difusão do processo de escrita. A Bíblia, sendo um livro de leitura amplamente divulgada, proporcionaria algum contato dos alunos com a escrita? A tabela 15 mostra dados relativamente próximos, mas uma pequena maioria (57%) confirmam ter tido algum contato com a escrita, graças aos textos bíblicos, conforme dados da tabela 16:

Modalidade de ensino	Você já copiou algum trecho da Bíblia?	
	Sim	Não

Ensino Fundamental 1º fase	04	16
Ensino Fundamental 2º fase	17	09
Ensino Médio	13	08
Ensino Superior	12	02
TOTAL	46 (57%)	35 (43%)

Se tratando de escrita, o livro dos Salmos foi o mais citado como aquele que propicia o contato. Especificamente, o Salmo 23 foi o mais lembrado por aqueles que afirmaram que escreviam mensagens bíblicas em seus cadernos ou como um lembrete a um amigo querido, como uma demonstração de carinho, conforto ou forma de conversão. Essas ações, embora não muito rotineira, contemplam os três aspectos necessários para a articulação de um texto, conforme sugere Leont'ev (1971) apud Koch (1998): **motivação, finalidade e realização**.

A Bíblia, muito mais que um instrumento de difusão de leitura e de escrita, é um poderoso mecanismo de inserção e integração social.

5.Considerações finais

A Bíblia não é apenas um livro eclesiástico. Sua influência está em diversas esferas da organização social. É um livro que tem servido de base para elaboração de outros textos, não religiosos, portanto é uma mãe-livro. Para muitos, é a própria palavras de Deus, do ser criador, tal como foi revelada a seus autores, neste caso, meros instrumentos da intervenção divina.

Como uma obra composta de diversos livros, este hipergênero contribui significativamente para o processo de difusão dos gêneros textuais, uma vez, que dentro de um mesmo códex o leitor fica exposto a diferentes tipos e gêneros de textos. Uma obra com tamanhas contribuições histórico-sociais e linguísticas não poderia ser ignorada nos estudos do processo de difusão da leitura e da escrita. Isso justifica a relevância do presente trabalho.

Se numa proposta de ensino humanizadora as experiências dos alunos necessitam ser consideradas, as leituras bíblicas podem e devem ser compreendidas como uma das etapas iniciais no processo de aquisição da leitura e da escrita. É um objeto que oferece um conteúdo que contempla aspectos conceituais, aplicativos e atitudinais (cf. PCNs, 1997).

Os resultados deste estudo de caso sinalizam também para outras pontuações. A Bíblia, mesmo sendo um objeto pessoal, tem seu uso coletivizado, pois, se tratando de um objeto sagrado, poucas pessoas se atreveriam a não emprestá-lo, caso fosse solicitado. Além disso, soma-se o fato de ser uma boa sugestão de presentes entre leitores. Enfim, são elementos que corroboram para o processo de expansão do campo da leitura e da escrita.

A pesquisa sinaliza ainda para o equívoco em afirmar que alunos não têm livros ou que não leem em casa. Conforme afirma Manguel (1997, p. 38) *Dizem que nós, leitores de hoje, estamos ameaçados de extinção, mas ainda temos que aprender o que é a leitura*. A Bíblia é prova cabal de que os alunos, desde a infância, bem antes do ingresso no mundo escolar, sabem o que é um livro, já o abriu, já o folheou, já viu o que é e como se montam as palavras. Enfim, tão junto, ou talvez, antes dos contos de fadas, a Bíblia introduz a criança no reino das palavras.

6.Referências bibliográficas

BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de Filologia Românica: História externa das Línguas*. v. 1. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

BECKHÄUSER, Alberto. *Os fundamentos da Sagrada Liturgia* Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Bíblia de Jerusalém, editora Paulus, São Paulo, 2003

BOUSON, Michael. *Os segredos da Bíblia*. Título original Unlocking Ancient secrets of the Bible. Associated Television International, Flash star Filmes, 2007.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais - 3.º e 4.º ciclos - Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COX e BRAGARD. *Mistérios da Bíblia*. Anna Cox e Jean-Cloude Bragard. BBC World Wide Ltda, 2004. Revista das religiões. Editora Abril, 2005.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa / Antônio Geraldo da Cunha*; assistentes: Cláudio Mello Sobrinho [et. al] Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

FINKELSTEIN, I. e SILBERMAN, N. A. *A Bíblia e seu tempo: um olhar arqueológico sobre o antigo testamento*. Baseado no livro de Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman. História viva em cartaz, France 5 – Calíbira Films, SI Productions, Duetto, 2005.

KOCH, Ingedore Vilhaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998. – Coleção Caminhos da Linguística.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso / Dominique Maingueneau*; organização Sírio Possenti, Maria Cecília Perez de Sousa-e-Silva; Tradução Adail Sobral... [et. al]. São Paulo: Parábola Editorial, 1010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In DIONÍSIO, A. P. E MACHADO, A. R, BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais & ensino*. 4º ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*/Alberto Manguel: tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

WEITZ, Martin. *O tesouro sagrado do Faraó: uma surpreendente revelação dos Manuscritos do Mar Morto* Título original *The Pharaoh's holy treasure*. Documentário co-produzido por Focus, BBC e Eletric Sky. Revista Arqueologia especial, s.d.